

Reportagem Especial

CONFLITO EM VITÓRIA

Bairros em guerra após futebol

Disputa entre Piedade e Fonte Grande teve início durante partida, destruindo famílias e espalhando o medo nas duas comunidades

Michelli Possmozer

Uma entrada violenta em um jogador durante uma partida de futebol já gerou mortes e destruiu famílias, além de espalhar medo em duas comunidades do município de Vitória.

É o que contam moradores dos morros da Piedade e Fonte Grande, além de relatos de policiais civis, que afirmam que toda essa violência tem atingido até as imediações do centro da capital.

Um morador do morro da Piedade – que pediu para não ter nome nem idade divulgados por medo – contou que tudo começou durante uma partida de futebol que acontecia na quadra da escola municipal Anacleto Schneider Lucas, situada no bairro Fonte Grande.

“Nesse dia, há 11 anos, um traficante da Fonte Grande deu uma entrada maldosa no traficante da Piedade. Eles eram adolescentes, discutiram, a pelada já acabou ali e, desde então, a região nunca mais foi a mesma”, declarou.

Ainda de acordo com esse morador, já havia tráfico nas duas comunidades, só que antes desse jogo, havia um certo acordo de paz entre as quadrilhas. “Hoje, 11 anos depois, esses meninos nem sabem mais por que estão brigando. Mas essa rivalidade contaminou as comunidades de tal forma que cravou nos moradores uma cultura do medo”.

O coordenador do Grupo de Operações Táticas (GOT), delegado Eduardo Khaddour, também confirmou que os relatos apontam que a rivalidade entre os morros deu início após um jogo de futebol.

“Segundo depoimentos de criminosos da Piedade, os desentendimentos começaram por causa dessa partida de futebol. Um deles disse que era criança quando ocorreu esse jogo e viu toda a confusão. O curioso é que todos se conhecem, estudaram no mesmo colégio, mas nutrem esse ódio só por serem de comunidades diferentes”.

O ódio entre essas quadrilhas rivais prejudica a interação entre as comunidades. “Se um morador da Fonte Grande, por exemplo, tem parentes na Piedade, mesmo que esse não seja do tráfico, sofre represálias. Para qualquer morador, passar de um bairro para outro é suicídio”, informou Khaddour.

Segundo um investigador da Polícia Civil, mesmo os moradores que não são coniventes com o tráfico de drogas, são obrigados a guardar drogas, armas e dinheiro no quintal.

“Eles pulam o muro e enterram drogas e armas. E quem não deixa, é expulso do morro”.



KADIDJA FERNANDES/AT

MEDO

Trilha usada por bandidos

Uma trilha que liga os morros da Piedade e Fonte Grande, conhecida como trilha da chácara (destaque) deixou de ser utilizada pelos moradores das duas comunidades em função dos conflitos.

Segundo uma moradora da Piedade, antes de ser declarada guerra entre os morros, os moradores passavam pelo caminho. “Em vez de descer pela cidade e subir, usava a trilha. Economizava 20 minutos. Hoje, a trilha só é usada pelas quadrilhas para atacar os rivais. O morador de bem não pode andar ali.”



MORADORA DO MORRO DA PIEDADE

“Eles andam armados dia e noite”

Mesmo após a prisão de uma quadrilha no morro da Piedade, em Vitória, o clima ainda é de apreensão e medo, segundo uma moradora do bairro, que pediu para não ter o nome, idade e profissão divulgados por receio de represálias.

A TRIBUNA – Como está a comunidade hoje?

MORADORA – Depois que prenderam a família que dominava o tráfico aqui, melhorou muito. Só que de uma semana para cá, começou a ficar bastante perigoso de novo, ao ponto de a gente não po-

der nem conversar direito.

Eles andam armados pela comunidade dia e noite. E as ameaças são escancaradas. Você não pode nem olhar para a cara de ninguém,

“Quero sair daqui. Já tenho parentes debaixo da terra e depois que você sente na pele a dor dessa guerra, não quer mais ficar”

tem que ficar de cabeça baixa quando eles passam.

> Como era a convivência nos morros antes da rivalidade?

Há cerca de 30 anos as coisas se resolviam na porrada. Mas depois da briga no futebol, entrou o tráfico de drogas e as gangues começaram a se armar e matar.

> Pensa em sair do bairro?

Morar no morro é bom, mas eu quero sair daqui. Já tenho parentes debaixo da terra e depois que você sente na pele a dor dessa guerra, não quer mais ficar.

Crianças sem ir à escola por medo

O medo das ameaças feitas por traficantes tem deixado mães que moram no morro da Piedade tão preocupadas que muitas deixaram de levar as crianças para estudar na escola municipal Anacleto Schneider Lucas, situada no bairro Fonte Grande.

“A escola tem capacidade para atender a 800 alunos, mas só há 400, porque muitos não frequentam a escola por conta dessa rivalidade”, contou um morador que mora no bairro da Piedade e pediu para não ser identificado.

Além de ter o ensino prejudica-

do, segundo outro morador da Piedade que pediu para ficar no anonimato, o atendimento médico sofre os reflexos dessa violência.

“Como os profissionais do Programa de Saúde da Família (PSF) se sentem coagidos por causa dos conflitos, não fazem as visitas regularmente. Por outro lado, quando os moradores da Piedade vão ao posto de saúde são expulsos da unidade pelo pessoal da Fonte Grande”.

PREFEITURA

A Secretária Municipal de Educação de Vitória (Seme) informou que registrou em 2013, dois pedidos de transferências de alunos por motivos de segurança para outra unidade de ensino.

Já a assessoria da secretaria municipal de Saúde foi procurada por e-mail e telefone, mas até o fechamento desta edição, não houve retorno.

DEPOIMENTO

“Até a própria escola de samba foi enfraquecida”

“Ficou cravada aqui na Piedade e na Fonte Grande uma cultura do medo. Não há mais interação nenhuma entre as comunidades.

Há ausência do Estado, tanto no policiamento, quanto no planejamento social. E fica cada vez mais visível a ausência do Estado, pois as pessoas não têm mais o costume besta de ficar na rua conversando com um vizinho porque tem perigo.

A gente vê os reflexos desse conflito no congo e na capoeira que acabaram e até a própria escola de samba Unidos da Piedade, que fica na Fonte Grande e era a cultura mais forte nos dois morros, foi enfraquecida porque alguns moradores, principalmente da Piedade, não frequentam ensaios por medo.”

Morador da Fonte Grande

Moradores enviam cartas para agradecer prisões

Após a prisão de 12 integrantes de uma quadrilha que atuava com tráfico de drogas no morro da Piedade, em Vitória, no mês passado, moradores enviaram cartas e ligaram para algumas delegacias do município para agradecer a polícia pelas prisões.

A informação foi passada pelo coordenador do Grupo de Operações Táticas (GOT), delegado Eduardo Khaddour. “Muitos disseram: ‘Agora a paz voltou’ e ‘A comunidade ficou boa de se viver de novo’. Ler e ouvir essas frases é muito bom. Sinal de que todo o trabalho valeu a pena”, afirmou o delegado.

De acordo com Khaddour, a operação realizada pelo GOT em conjunto com a Delegacia Anti-Sequestro, foi iniciada há cinco meses, em decorrência de denúncias. “As pessoas que não eram coniventes com o tráfico estavam sendo expulsas da comunidade pelos traficantes”.

GUSTAVO FORATTINI 10-02-2013



EDUARDO KHADDOUR: gratidão

Reportagem Especial

CONFLITO EM VITÓRIA

“Morrem por motivos bobos”

A pegado à região onde nasceu e foi criado, um morador do morro da Fonte Grande, em Vitória – que pediu para não ter a idade, nem profissão e nome divulgados – afirmou que não quer abandonar o bairro, mas admitiu que está perigoso viver no morro com a família.

Isso porque a filha dele quase foi morta recentemente por traficantes do morro da Piedade porque, na tentativa de evitar mais mortes, avisava aos moradores da comunidade onde ela mora quando via, do alto do morro, que os criminosos subiam armados. “Só pelo fato de ela avisar foi vista como x-9”.

O morador pediu para não divulgar a data nem e forma como tentaram matar a filha dele.

A TRIBUNA – Como está hoje a rivalidade entre Piedade e Fonte Grande?

MORADOR – Lá na Piedade houve uma trégua depois que o Grupo de Operações Táticas (GOT) prendeu os bandidos mais perigosos. Agora, os que ficaram lá dão tiro de vez em quando. Mas antes, era de segunda a segunda.

Só que o pessoal da Fonte Grande não sai da comunidade para dar tiro nos moradores da outra. Só que os da Piedade sim, e eles vão em muitos, além de ir preparados com muitas armas.

> Como o senhor se sente como morador?

Fico com medo porque minha família toda mora lá. Quando eles dão tiro, não querem saber em quem vai pegar. E esses dias tentaram matar a minha filha.

> Por qual motivo?

Porque toda vez que os caras da Piedade subiam armados para tentar atacar a Fonte Grande e minha filha conseguia ver do alto do morro, ela avisava aos moradores, com o objetivo de tentar evitar mais mortes. O pessoal da Piedade descobriu e só pelo fato de ela avisar, foi vista como x-9.

> O que o senhor fez?

Eu procurei a polícia, fui ao Pa-



MORADOR possui lista com criminosos da Fonte Grande. Por segurança, os nomes não estão sendo mostrados

lácio do governo, mas não deu em nada. Fui no Palácio da Fonte Grande, no Centro, e um coronel me atendeu na Casa Civil. E eu disse para o coronel: “Se acontecer alguma coisa com a minha filha, vou ser obrigado a comprar uma arma e ser justiceiro.”

Só que eu, que sou trabalhador, se comprar uma arma e matar um bandido, pego 30 anos de cadeia. Já com um criminoso, que mata um monte, não acontece nada.

> Já pensou em mudar do

“Já morreu muito inocente. E pessoas que não têm nada a ver com o tráfico morrem por motivos bobos”

bairro?

Sou nascido e criado na Fonte Grande, não vou abandonar minha comunidade. Mas eu sei de vários moradores que saíram corridos de lá porque as pessoas que não são coniventes com o tráfico são ameaçadas de morte.

> Soube de ameaças que já foram concretizadas?

Sim, de várias. Já morreu muito inocente. E pessoas que não têm nada a ver com o tráfico morrem por motivos bobos, é como se os bandidos de cada comunidade ficassem disputando quem mata mais.

Teve um vigilante que foi assassinado na Piedade só porque ele era primo dos caras da Fonte Grande e estava lá. O morador não pode transitar de um morro para o outro porque corre perigo.

> O que poderia ser feito, na

“Operações são quase diárias”

Apesar da reclamação de moradores sobre a ausência de uma presença mais efetiva do Estado, o secretário de Estado da Segurança Pública, André Garcia, afirmou que a polícia realiza trabalho preventivo nos morros da Piedade e Fonte Grande, em Vitória.

“Além das operações feitas pelo Grupo de Operações Táticas (GOT), realizamos operações quase diárias com a Polícia Militar e o Batalhão de Missões Especiais (BME) e há também o trabalho preventivo, com radiopatrulhas na região todos os dias”, declarou.

Questionado sobre por que a região ainda não foi inserida no programa Estado Presente, o secretário ressaltou que a prioridade do programa é atender a comunidades com alto índice de assassinatos.

“Essa região não apresenta um histórico de homicídios, mas sim de tráfico de drogas. Pretendemos

apoiar o município nas ações preventivas e sociais”.

Já a secretaria de Esportes e Lazer (Semesp) da Prefeitura de Vitória informou que próximo ao morro da Piedade existem núcleos que oferecem aulas de futsal, vôlei, handebol e basquete e que, em bre-

ve, a secretaria vai levar ao bairro o Festival de Esportes.

A assessoria da Secretaria de Cultura do município informou que mantém na região o ponto de cultura Associação Cultural Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos da Piedade.



ANTÔNIO MOREIRA - 24/05/2013

ANDRÉ GARCIA diz que os morros da Piedade e Fonte Grande não foram inseridos no programa Estado Presente porque não são comunidades com altos índices de homicídios

Traição e fofoca acirram brigas entre gangues em Vila Velha

Além da briga pelo controle do tráfico de drogas, as disputas entre gangues são acirradas por motivos de traição, discussões e fofoca.

Segundo o titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vila Velha, delegado José Lopes, Leonardo Moraes de Souza, o Leozinho Prostituto, que hoje está preso e era acusado de chefiar o tráfico em Primeiro de Maio e Santa Rita, Vila Velha, declarou guerra aos moradores do bairro vizinho, Ilha da Conceição, após descobrir uma traição.

“Um traficante rival ficou com a namorada dele e, por isso, ele declarou guerra à outra quadrilha. O problema era pessoal, não era nem tanto pela disputa entre as bocas de fumo”, contou o delegado.

Lopes revelou que um traficante matou um homem após uma discussão que teve com a vítima durante um jogo de futebol, no campo do Camelo, em Vila Garrido, Vila Velha.

“Depois de sair do jogo, ele pegou a arma em casa, voltou e matou o cara. Como o traficante tem arma, acha que tem poder, vai lá e mata por qualquer motivo, até por fofoca. É a banalização da vida humana”, ressaltou o delegado.

FERNANDO RIBEIRO - 15/10/2010



JOSÉ LOPES: “Banalização da vida”

“Vários já saíram do morro por causa dessa violência. A polícia só sobe no morro com o rabeção para recolher corpo”

sua opinião, para levar paz às comunidades?

O Estado tinha que estar mais presente. Mas cadê o Estado presente? Não tem. Nenhum morador aguenta mais, tanto que vários já saíram do morro por causa dessa violência. A polícia só sobe no morro com o rabeção para recolher corpo. E o que me deixa revoltado é que esse conflito acontece a 50 metros do Palácio da Fonte Grande. Prenderam sete bandidos perigosos, mas tem 20 ainda soltos.

ANÁLISE

“Esses criminosos fiscalizam e aplicam a lei deles no território”

“A constante rivalidade entre os morros da Piedade e Fonte Grande é histórica, assim como ocorre em outras localidades da Grande Vitória. No entanto, sem um programa de governo mantido nessas regiões, vamos verificar paulatinamente essas revoltas, principalmente no que tange à disputa entre os bandidos pelo controle do tráfico de drogas.

Esses criminosos fiscalizam e aplicam a lei deles no território. Ocorre que esse tipo de comportamento negativo estimula pessoas que não têm uma formação sólida a praticar o crime, e é nesse ponto que compreendo que o programa Estado Presente deve ser aplicado em todas as comunidades que apresentam tal histórico de violência.

Com relação à atuação do menor

infrator, observo que a legislação é muito benevolente com os adolescentes em conflito com a lei e, na maioria dos casos – principalmente no tráfico de drogas – eles são apreendidos e logo colocados em liberdade para cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, só que a maioria não quer fazer outra coisa a não ser traficar.

Para o Estado fiscalizar essas comunidades é muito difícil, até mesmo pela geografia do local, com muitos becos e vielas. Mas como o nativo conhece tudo e o criminoso ameaça a comunidade, os moradores não denunciam porque não têm a garantia de que se denunciarem, mesmo anonimamente, vão ter segurança, pois não têm a proteção do Estado.”

Sócrates de Souza,
procurador de Justiça do
Ministério Público
Estadual (MPES)

